

Integração Latino-Americana através da criação da UNILA

Leandro Tadeu Teixeira de Lima¹

Graduando em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Orientador: Prof. Doutor Nilson Araújo de Souza

Resumo

O presente artigo analisa o processo de criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, os objetivos e os conceitos intrínsecos neste projeto inovador que pretende promover a integração Latino-Americana através da cooperação solidária no campo da educação. Contudo, para compreendermos uma iniciativa deste porte faz-se necessário analisar a questão da integração na América Latina, bem como a questão da educação superior na região.

Palavras-chave

Integração latino-americana. América Latina. Unila. Ensino Superior. Desenvolvimento. Relações Internacionais.

¹ Rua Piratininga, 294 - Bairro Barcelona – São Caetano do Sul – SP.
E-mail: leandro.tadeu@hotmail.com

Introdução

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana teve seu projeto submetido à aprovação pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, através do Ministério da Educação, em dezembro de 2007. A UNILA veio para suprir a imperativa necessidade existente na América Latina de uma integração com base nos campos do conhecimento e da cultura, derivados de um novo momento histórico e político da integração Latino-Americana, e antenados com os desafios do novo milênio para a região.

Neste contexto nada mais adequado que o ambiente universitário para promover estes anseios, sinais dos novos tempos; a proposta da Unila é promover a integração da região através da cooperação solidária nos mais diversos campos do saber, além de contribuir para o desenvolvimento da região, pois toda a estrutura da Universidade estará voltada para a problemática da região, que é comum, com vistas a viabilizar um futuro diferente para a região diante dos desafios do século XXI, o que a liga inevitavelmente a questões de sustentabilidade, por exemplo.

A Unila desde a sua concepção é um projeto inovador e pioneiro que anseia não só uma nova perspectiva para a integração, como vimos, como também uma nova perspectiva para as instituições de ensino superior com base na utilização do conceito da interdisciplinariedade na formulação de seus cursos e de sua linha acadêmico-pedagógica, como veremos.

O novo momento vivido para a integração na América Latina é exemplificado por iniciativas como, por exemplo, a criação da União das Nações Sul-Americanas – UNASUL que representa, pelo seu projeto, a antítese da era da integração mercadológica corrente na região por muito tempo. Iniciativas como as da Unasul e Unila representam o início de uma nova etapa da integração: a etapa da dita integração autêntica pautada na interculturalidade, assim definida por Gisele Ricobom.

O presente artigo tem como objetivo analisar a integração da América Latina através da criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – Unila, analisar o projeto de implementação da universidade e o trabalho da Comissão de Implementação que resultou nas diretrizes acadêmico-pedagógicas da universidade,

que por sua vez também serão elucidadas, assim como os conceitos que esta iniciativa pioneira traz consigo.

Para realização deste artigo os meios utilizados foram o da pesquisa e leitura de livros e de artigos relacionados com o tema, e dos Informativos da Comissão de Implementação da Unila divulgados periodicamente no sítio da instituição. Além disto, o contato com professores ligados diretamente com o processo de criação da Unila também colaborou para a realização deste artigo, que é fruto de uma extensa pesquisa.

1. Integração Latino-Americana

O primeiro anseio integracionista na América aconteceu ainda no século XIX quando em 1826, inspirados pelo ideário de uma Confederação Americana defendida por Simon Bolívar, os países do continente realizaram a Conferência do Panamá, ligada intimamente com as lutas pela independência dos países da região que se desenrolaram no mesmo período histórico. A Conferência do Panamá foi realizada para promover a integração dos países do continente, recém emancipados, de modo a fortalecer as suas posições perante os desafios do futuro e legitimar as suas independências. Contudo o Congresso do Panamá não obteve o respaldo esperado devido à ausência dos Estados Unidos que boicotaram a reunião, já mostrando qual seria um dos grandes obstáculos à verdadeira integração latino-americana ao longo da história. Os Estados Unidos à época já tinham sua linha de política externa definida para a América Latina, baseada na Doutrina Monroe criada pelo presidente James Monroe, em 1823. A Doutrina Monroe – “A América para os Americanos” -, embora defendesse alguns pontos favoráveis, em tese, a maior integração do continente e o fortalecimento dos recém libertados países, na prática era uma política de afirmar os interesses norte-americanos na região, quais seriam, estabelecer sua supremacia perante a América Latina através do Pan-Americanismo. Diante destes dois modelos distintos para a América Latina o modelo de Simon Bolívar sucumbiu às forças dos países centrais prevalecendo então o Pan-Americanismo derivado da Doutrina Monroe, e que na verdade representava os anseios dos norte-americanos de expandir suas fronteiras cada vez mais ao Sul, ampliando a dependência dos países da região em

torno dos Estados Unidos, tornando a América Latina sua zona de influência. Para que este programa desse certo os norte-americanos necessitavam da desintegração econômica e social da região que acarretava na reprodução do modelo de dependência, por isso toda e qualquer tentativa de promover a integração passou a contar com resistência do vizinho poderoso do Norte, o que fez com que apenas no início do século XX houvesse uma nova onda integracionista.

Segundo Eduardo Galeano, em seu livro *As veias abertas da América Latina*, as possíveis causas do fracasso seriam:

Os pólos de prosperidade, que floresciam para dar resposta às necessidades européias de metais e alimentos, não estavam vinculados entre si: as varinhas do leque tinham seu vértice do outro lado do mar. A América Latina nascia como um só espaço na imaginação e na esperança de Simon Bolívar, José Artigas e José de San Martín, porém estava dividida de antemão pelas deformações básicas do sistema colonial. As oligarquias portuárias consolidaram através do livre comércio, esta estrutura de fragmentação, que era sua fonte de ganhos: aqueles ilustrados traficantes não podiam incubar a unidade nacional que a burguesia encarnou na Europa e nos Estados Unidos. (Galeano, 2007, p. 278 apud PINTO, 2009, p. 89)

Esta segunda onda integracionista na América Latina é resultado da crise do modelo dependente e de acontecimentos político-sociais que levaram ao poder governos nacionalistas comprometidos com o desenvolvimento industrial independente, vide a Revolução Mexicana do início do século XX, não mais exclusivamente comprometidos com os interesses das elites locais, por sua vez alinhados aos interesses de Washington.

Embora nesta primeira fase não tivéssemos nenhuma proposta formal e logradora de sucesso para a integração latino-americana, só o fato de haver o rompimento, ou o estremecimento, das relações de outrora com os EUA já significaram o início de um novo momento para a integração latino-americana. No bojo destes acontecimentos que o pensamento da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL) da ONU, fundada em 1948, ganhou força. O pensamento cepalino, que visa o desenvolvimento econômico independente da região, veio dar a sua primeira contribuição para a integração latino-americana quando propôs um processo de industrialização independente baseado no programa de substituição de importações

que só alcançaria êxito se houvesse maior integração entre os países da região através da criação de um mercado comum, de modo que possibilitasse a cada país se especializar em determinado tipo de indústria compatível com a sua realidade maximizando os ganhos e possibilitando, de fato, a ocorrência da substituição das importações.

A política de substituição de importações não existe arbitrariamente na prática: as importações são substituídas por não existirem exportações; a vantagem do mercado comum está em que ele oferecerá a oportunidade de realizar essas exportações para outros países da América Latina, a fim de adquirir neles, folgadoamente, as importações que já não possam ser trazidas do resto do mundo. (CEPAL, 1959, p.362)

Para frear o ímpeto nacionalista os Estados Unidos, aproveitando-se do contexto da Guerra Fria, lançam mão da Doutrina de Contra Insurgência, que visava alinhar as forças armadas dos países latino-americanos à dos Estados Unidos pelo ideal comum de combater o comunismo, e no pós Segunda Guerra Mundial, em 1948, criam a Organizações dos Estados Americanos (OEA), oriunda das Conferências Interamericanas realizadas desde o século XIX baseadas no ideal do Pan-Americanismo; de certa forma, a OEA, por trás de uma idéia de integração dos países do continente, ressuscita o ideal do Pan-Americanismo na tentativa de os Estados Unidos retomarem o controle da região e mantê-la como sua zona de influência.

Mas ainda assim havia espaço para o surgimento de novas organizações baseadas em novas idéias para a integração dos países latino-americanos, que não as estadunidenses, e foi neste contexto que surgiram a Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC), em 1960, e a Organização dos Estados Centro Americana (ODECA), em 1951, inspiradas no pensamento da CEPAL, além do Pacto Andino que resultou do Acordo de Cartagena, em 1969. Destes, o Pacto Andino era o mais ambicioso: previa, por exemplo, uma política de restrição aos investimentos estrangeiros dando ao Estado o poder sobre as transnacionais, de modo a romper ou diminuir a dependência, e era formado pela Bolívia, Colômbia, Equador, Chile, Peru e Venezuela. A ALALC tinha como membros Argentina, Brasil, Chile, México, Paraguai, Peru e Uruguai, e tinha como objetivo a criação em 12 anos de uma zona de livre-

comércio na região, porém, assim como a ODECA, sucumbiu a pressão do grande capital internacional, tornando-se mais um organismo a servir ao interesse estadunidense que resulta na reprodução do modelo dependente. Já o Pacto Andino perdurou até a ascensão ao poder de ditaduras militares nos países da região, como a do General Pinochet no Chile, em 1973. A eclosão de regimes militares conservadores em todo o continente sul-americano entre os anos 1960 e 1970 foi patrocinada pelos norte-americanos na tentativa de frear de vez o ímpeto nacional-desenvolvimentista que favorecia projetos integracionistas independentes, que culminariam a uma maior independência da região perante Washington. A eclosão dos regimes militares marcou o fim da segunda onda integracionista no continente, que ainda teve como reflexo a criação da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI) “*com a finalidade de fortalecer os vínculos entre os grupos integracionistas regionais e dar maior dinamismo em suas atividades.*” (MOURA, Luisa. 2009, p.222).

Sobre isto Luiz Pinto, em seu livro *Relações Internacionais do Brasil e Integração Latino-Americana*, em co-autoria com Luisa Moura e Nilson Araújo de Souza, concluiu:

Não seria possível, portanto, realizar uma verdadeira integração com o modelo de reprodução ampliada da dependência em vigor; com as tecnologias vindo do exterior sendo combinadas com a superexploração da força de trabalho, a marginalização social, a pobreza e a miséria; com o Estado garantindo a manutenção dessa verdadeira desintegração social através do terror e da violência (...). Logo, a ALALC não poderia integrar nada. (PINTO, Luiz. 2009, p. 119)

A terceira onda integracionista, definição de Luiz Pinto, só veio com a redemocratização nos anos 1980 e 1990, mas desta feita o que caracterizou o processo foi o surgimento de inúmeros acordos de caráter meramente comercialista, influenciados pelos ideais neoliberais, pela Iniciativa para as Américas e inspirados no Consenso de Washington, dos quais o mais importante foi a criação do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), em 1991, com a assinatura do Tratado de Assunção.

O MERCOSUL foi concebido em conjunto por Argentina, Brasil, Chile e Paraguai e hoje o Mercosul é uma união aduaneira e, além destes, conta com Bolívia, Chile, Colômbia, Equador e Peru como membros associados e ainda tem a Venezuela em processo de aceitação no bloco. O Mercosul a princípio também serviu aos interesses

norte-americanos, pois os governos eleitos na esteira da redemocratização também eram conservadores, sendo assim o Mercosul tornou-se mais um acordo comercialista servindo de palco a grandes discussões a respeito de questões alfandegárias, onde os aspectos mais humanos da integração ficaram em segundo plano. Atualmente devido aos novos rumos da política na América do Sul a reforma do Mercosul está na ordem do dia e se faz necessária. Os novos rumos políticos da América do Sul resultam da chegada ao poder nesta década de governos de esquerda, ou não alinhados automaticamente com os interesses neoliberais, nos países da região, como a eleição de Hugo Chávez, na Venezuela e bem como a eleição de Lula, no Brasil.

Como consequência destes novos tempos, marcados por governos comprometidos com a causa popular, a integração latino-americana encontra campo fértil para prosperar de maneira independente; são expoentes desta constatação a criação da União das Nações Sul-Americanas (UNASUL) e da Alternativa Bolivariana para as Américas (ALBA), transformada em Aliança Bolivariana dos Povos de Nossa América, e a própria reformulação do MERCOSUL; tais projetos surgem do pressuposto de tratar a integração como forma de articulação regional que tem como objetivo ampliar os mecanismos de poder que visam combater a dependência. São projetos ligados ao desenvolvimento interno dos países e preocupados com o desenvolvimento independente de suas economias através de uma integração regional de fato. É neste contexto que surge a proposta de criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Não obstante aos grandes desafios que estes projetos irão enfrentar pelo caminho todos vislumbram a melhora de vida dos habitantes da região.

Uma integração que possa resultar em efetiva melhoria de vida para os povos de países com assimetrias profundas precisa de propósitos desafiadores, sob pena de mascarar a complexidade que existe em um processo que deve ser de verdadeira interseção e menos de proximidade política, sem contudo, ignorar toda a trajetória de cooperação já realizada. (RICOBOM, p. 7)

2. Universidade Andina Simon Bolívar e Universidade Estadual do Mato-Grosso do Sul

Antes da iniciativa da Unila houve ao menos duas tentativas de se criar algo parecido na região, uma concretizada, a Universidade Andina Simon Bolívar – UASM, e outra que por questões políticas não teve seu projeto levado a cabo, a Universidade da Integração Latino-Americana, UILA. A UASM cujo principal propósito é favorecer a maior integração dos países andinos (Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela) em termos acadêmicos, científicos e culturais teve sua criação aprovada pelo Parlamento Andino, em 1985, com sede central em Sucre, na Bolívia; hoje as suas atividades estão espalhadas pelos países da região em forma de oficinas nacionais; em 1992, foi aberta uma nova sede em Quito. A UASM trabalha apenas com cursos de pós-graduação e tem como política pedagógica não trabalhar na divisão dos cursos em faculdades e sim em áreas de trabalhos.

Já a UILA que teve seu projeto elaborado em meados dos anos 1980 previa a instalação em Dourados, Mato Grosso do Sul, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul ligada intimamente com a problemática do Pantanal na região limítrofe entre Bolívia, Paraguai e o Estado do Mato-Grosso do Sul. O projeto pretendia criar um pólo de conhecimento voltado especificamente para a problemática da região, para suprir demandas de profissionais em áreas fundamentais para o desenvolvimento do Estado. Entendia também que para enfrentar os problemas da região era preciso maior integração entre os países limítrofes, pois a problemática do Pantanal era comum a todos. Tendo em vista estes pontos surgiria a Universidade da Integração Latino-Americana visando maior integração entre os países da região limítrofe do Pantanal sul-mato-grossense para fomentar o desenvolvimento da região. A proposta acadêmica da Uila era trabalhar os cursos de forma multidisciplinar, em núcleos de trabalho, de modo a abarcar sobre uma questão pareceres dos mais diversos campos do saber formando assim um profissional completo e preparado para compreender e enfrentar a realidade da sua região, sempre objetivando a apresentação de soluções.

Existem também programas pensados com a intenção de interligar universidades dos países da América do Sul, como o da Associação de Universidades do Grupo de

Montevidéu (AUGM) que interligada 22 instituições de Ensino Superior da Argentina, do Brasil, da Bolívia, do Chile, do Paraguai e do Uruguai.

3. Universidade da Integração Latino-Americana

A iniciativa da UNILA, no entanto, será diferente, se trata de um projeto inovador, pois se propõe a construir a integração através do conhecimento e da cooperação solidária nos campos da ciência, da cultura e da tecnologia. Inovador também o é, pela política acadêmico-pedagógica com a qual foram organizados e planejados os seus cursos de graduação e pós-graduação, assim como suas linhas de pesquisas. Tal política acadêmico-pedagógica tem seus pilares fincados na interdisciplinariedade que permitirá um mosaico de visões e análises sobre a problemática da região, que sempre será o principal alvo de estudo e pesquisa da instituição, que visa formar profissionais comprometidos com a integração latino-americana, bem como com o desenvolvimento da região, mais do que isso, baseado no princípio da interculturalidade, visa que o seu próprio ambiente acadêmico seja palco para uma integração na prática entre os povos, na medida em que nele se abrigarão estudantes de todas as partes do continente.

Soma-se a isso o fato de a UNILA ser uma universidade com caráter bilíngüe e temos caracterizado claramente o quão peculiar é a iniciativa, levando-se em consideração os próprios modelos das universidades brasileiras.

A interculturalidade pressupõe um diálogo onde não há hierarquia entre as diferentes culturas, que não se resume na soma de identidades e sim na construção de valores em comum. (RICOBOM, p.16)

A missão da Unila é a de contribuir para o avanço da integração da região, com uma oferta ampla de cursos de graduação e pós-graduação em todos os campos do conhecimento abertos a professores, pesquisadores e estudantes de todos os países da América Latina. Como instituição federal pública brasileira pretende, dentro de sua vocação transnacional, contribuir para o aperfeiçoamento do processo de integração regional, por meio do conhecimento compartilhado, promovendo pesquisas avançadas em rede e a formação de recursos humanos de alto nível, a partir de seu Instituto Mercosul de Estudos Avançados (Imea)(...) (A UNILA..., 2010, p.7)

Ainda segundo o mesmo livro, *A Unila em construção*, publicado pelo Instituto Mercosul de Estudos Avançados, a nova universidade tem como missão:

Contribuir por meio das atividades de ensino, pesquisa e extensão, próprias das instituições universitárias, para uma América Latina mais justa, plural, democrática e solidária, procurando desenvolver (através do conhecimento) uma cultura de integração entre os povos latino-americanos que valorize o estudo de questões sociais, econômicas e culturais, em áreas de interesse comum à região e a inserção soberana do continente no contexto internacional. (A UNILA..., 2010, p.10)

Dois organismos foram fundamentais no processo de implementação da Unila, o primeiro foi a Comissão para Implementação da Unila (CI-UNILA) formada por renomados especialistas latino-americanos das mais diversas áreas de saber, presididos pelo Prof^o Doutor Héglio Trindade, professor titular de Ciência Política, ex-Reitor da UFRGS e membro da Câmara de Educação Superior do CNE; o segundo foi a criação, antes mesmo da implementação da universidade, do Instituto Mercosul de Estudos Avançados formado, assim como o CI-UNILA, por grandes especialistas e que se constituiu no laboratório de idéias da Unila.

A instalação do Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA), em 20 de agosto, na sede provisória da futura Universidade, no Parque Tecnológico de Itaipu (PTI), em Foz do Iguaçu, é um importante avanço no processo de implantação da UNILA. O Instituto será a unidade precursora da Universidade e centro de desenvolvimento de suas diretrizes acadêmicas para os ensinos graduado, pós-graduado e as linhas de pesquisa. (Informativo Ci-Unila, ed. 6, ago 2009, p. 2)

A Unila iniciou suas atividades de graduação no segundo semestre de 2010 na sua sede provisória no Parque Tecnológico de Itaipu (PTI), em Foz do Iguaçu, escolhida não por acaso para sediar a universidade, já que a cidade abriga a confluência de fronteira de três países sul-americanos. A expectativa do CI-UNILA é que em curto espaço de tempo a universidade chegue a 10.000 alunos e 500 professores, sempre mesclando entre brasileiros e cidadãos de outros países latino-americanos, de preferência metade-metade, tanto para o corpo docente, como para o discente.

Considerações Finais

A integração latino-americana sempre foi, devido às peculiaridades da região, uma questão problemática, mas sempre imprescindível para o desenvolvimento da região. O arejamento político vivido na região, representado pela ascensão ao poder de governos comprometidos com a causa popular, que trazem consigo uma nova forma de pensar a América Latina, faz com que a integração latino-americana se encontre em momento ímpar na história; os projetos que surgem no bojo desta mudança são comprometidos verdadeiramente com o desenvolvimento da região. Este movimento foi definido como integração autêntica, pela Prof^a Gisele Ricobom, em seu artigo *A integração latino-americana e o diálogo intercultural: novas perspectivas a partir da universidade*.

A Unila é mais um dos expoentes desta nova era para a integração latino-americana, uma universidade baseada num projeto ousado que abrigará em seu campus alunos e professores de toda a América Latina, tornando um marco para educação superior na região, criando um pólo de conhecimento que ajudará na difusão do conhecimento e da ciência num continente onde por muito tempo o acesso a tais recursos, fundamentais para o desenvolvimento humano, foi renegado para uma minoria.

Acima de tudo, uma universidade comprometida com o desenvolvimento da América Latina focada nos desafios que se apresentam à América Latina no século XXI, no que tange, por exemplo, a sustentabilidade, e que acredita na superação destes desafios e dos problemas estruturais que afetam os países latino-americanos por meio da cooperação solidária, pois unir esforços em torno da ciência é o melhor meio para propor soluções para uma problemática comum.

Uma universidade para o futuro que rompe com a tradição engessada do Ensino Superior para criar uma instituição dinâmica organizada numa estrutura horizontal, onde todas as áreas do saber dialogaram entre si, bem como todas as culturas.

A integração latino-americana independente comprometida de fato com o desenvolvimento da região encontra na Unila um grande expoente, que promoverá o desenvolvimento da região através do conhecimento.

Latin American integration through the creation of Unila.

Abstract

This article examines the process of creation of the Federal University of Latin American Integration - UNILA, goals and concepts inherent in this innovative project which aims to promote Latin American integration through the joint cooperation in the field of education. However, to understand an initiative of this size it is necessary to examine the issue of integration in Latin America, and the issue of higher education in the region.

Key Words

Latin American integration. Latin America. Unila. Higher Education. Development. International Relations.

Referências

A UNILA em Construção: um projeto universitário para a América Latina/ Instituto Mercosul de Estudos Avançados. Foz do Iguaçu: IMEA, 2009.

BIELSCHOWSKY, Ricardo(org). ***Cinquenta Anos de Pensamento na CEPAL.*** Conselho Federal de Economia – COFECON/Ed. RECORD. Rio de Janeiro, 2000.

BRAGA, Márcio B. **Integração Econômica na América Latina: Uma Interpretação das Contribuições da CEPAL.**

CEPAL (1959). A Significação do Mercado Comum no Desenvolvimento Econômico da América Latina. In Bielschowsky, Ricardo (org). ***Cinquenta anos de Pensamento na Cepal.*** Conselho Federal de Economia – COFECON/ Ed. Record. Rio de Janeiro, 2000

CEPAL (1990). Transformação Produtiva com Equidade: A Tarefa Prioritária do Desenvolvimento da América Latina e do Caribe. In Bielschowsky, Ricardo (org). ***Cinquenta anos de Pensamento na Cepal.*** Conselho Federal de Economia – COFECON/ Ed. Record. Rio de Janeiro, 2000.

Comissão de Implantação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. UNILA: consulta internacional. Contribuições à concepção, organização e proposta político-pedagógica da Unila. Foz do Iguaçu: IMEA, 2009.

GALEANO, Eduardo. **AS VEIAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA.** 47. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2007.

Informativo da Comissão de Implementação da Unila, Foz do Iguaçu, nº 6, ago. 2009. 1 CD-ROM.

Informativo da Comissão de Implementação da Unila, Foz do Iguaçu, nº 7, set.-nov. 2009. 1 CD-ROM.

INSTITUTO MERCOSUL DE ESTUDOS AVANÇADOS – IMEA. **Programa de Cátedras Latino-Americanas,** Foz do Iguaçu, 2009. 1 CD-ROM.

RICOBOM, Gisele. **A integração Latino-Americana e o diálogo intercultural: novas perspectivas a partir da universidade.**

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO – COMISSÃO PARA A IMPLANTAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MS. **Projeto e Plano de Ação da Fundação Sul-Mato Grossense para o Desenvolvimento da Ciência, Tecnologia e Educação.** Campo Grande, 1988.

MOURA, Luisa; SOUZA, Nilson Araújo de; PINTO, Luiz. **Relações Internacionais do Brasil e Integração Latino-Americana.** Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

Unila: uma universidade sem fronteiras. **Informativo UNILA**, n.0, maio de 2008. Disponível em: <http://h2foz.com.br/arquivos2009/File/unila_0.pdf>. Acesso em: 28 de outubro de 2009.